



**Obra publicada pela
Universidade Federal de Pelotas**

Reitor: Prof. Dr. Antonio Cesar
Gonçalves Borges
Vice-Reitor: Prof. Dr. Manoel Luiz
Brenner de Moraes

Pró-Reitor de Extensão e Cultura: Prof. Dr. Luiz Ernani
Gonçalves Ávila
Pró-Reitora de Graduação: Prof. Dra. Eliana Póvoas Brito
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação: Prof. Dr.
Manoel de Souza Maia
Pró-Reitor Administrativo: Eng. Francisco Carlos Gomes
Luzzardi
Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento: Prof. Ms.
Élio Paulo Zonta
Pró-Reitor de Recursos Humanos: Admin. Roberta
Trierweiler
Pró-Reitor de Infra-Estrutura: Mario Renato Cardoso
Amaral
Pró-Reitora de Assistência Estudantil: Assistente Social
Carmen de Fátima de Mattos do Nascimento
Diretor da Editora e Gráfica Universitária: Prof. Dr.
Volmar Geraldo da Silva Nunes
Gerência Operacional: Carlos Gilberto Costa da Silva

CONSELHO EDITORIAL

Profa. Dra. Carla Rodrigues | Prof. Dr. Carlos Eduardo
Wayne Nogueira | Profa. Dra. Cristina Maria Rosa | Prof.
Dr. José Estevan Gaya | Profa. Dra. Flavia Fontana
Fernandes | Prof. Dr. Luiz Alberto Brettas | Profa. Dra.
Francisca Ferreira Michelin | Prof. Dr. Vitor Hugo Borba
Manzke | Profa. Dra. Luciane Prado Kantoroski | Prof.
Dr. Volmar Geraldo da Silva Nunes | Profa. Dra. Vera
Lucia Bobrowsky | Prof. Dr. William Silva Barros

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS

Diretor: Prof. Dr. Sidney Gonçalves Vieira
Vice-Diretora: Profa. Dra. Lorena Almeida Gill

NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA

Coordenadora:

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Membros do NDH:

Profª Dra. Beatriz Ana Loner

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Paulo Ricardo Pezat

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Técnico Administrativo:

Paulo Luiz Crizel Koschier

HISTÓRIA EM REVISTA – Publicação do Núcleo de
Documentação Histórica

Comissão Editorial:

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Profª Dra. Beatriz Ana Loner

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Paulo Ricardo Pezat

Conselho Editorial:

Profª Dra. Helga I. Landgraf Piccolo (UFRGS)

Prof. Dr. René Gertz (UFRGS) (PUCRS)

Prof. Ms. Mario Osorio Magalhães (UFPEL)
Prof. Dr. Temístocles A. C. Cezar (UFRGS)
Profª. Dra. Beatriz Teixeira Weber (UFSM)
Profª. Dra. Maria Cecília V. e Cruz (UFBA)
Prof. Dr. Marcelo Badaró Mattos (UFF)
Profª. Dra. Joan Bak (Univ. Richmond – USA)
Prof. PhD Pablo Alejandro Pozzi (Universidad de Buenos
Aires).
Prof. Tommaso Detti (Università Degli Studi di Siena)

Editor: Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Editoração e Capa: Paulo Luiz Crizel Koschier

Editora e Gráfica Universitária

R Lobo da Costa, 447 – Pelotas, RS – CEP 96010-150 |
Fone/fax: (53)3227 8411
e-mail: editora@ufpel.edu.br

Impresso no Brasil

Edição: 2011-2012

ISSN – 1516-2095

Dados de catalogação na fonte:

Aydê Andrade de Oliveira - CRB - 10/864

História em Revista / publicação do Núcleo de
Documentação Histórica. Instituto de
Ciências Humanas. Universidade Federal de
Pelotas. v.17-18, (dez. 2011 dez 2012). –
Pelotas: Editora da UFPel, 2011.
1v.

Anual
ISSN 1516-2095

1. História - Periódicos. I. Núcleo de
Documentação Histórica. Instituto de Ciências
Humanas. Universidade Federal de Pelotas.

CDD 930.005

**Indexada pela base de dados Worldcat
Online Computer Library Center**

**PEDE-SE PERMUTA
WE ASK FOR EXCHANGE**

UFPel/NDH/Instituto de Ciências Humanas

Rua Cel. Alberto Rosa, 154
Pelotas/RS - CEP: 96010-770
Caixa Postal 354
Fone: (53) 3284 – 5523 (r. 204)

<http://www.ufpel.edu.br/ich/ndh>
e-mail: ndh.ufpel@gmail.com

NARRATIVAS CINEMATOGRAFICAS E O ENSINO DE HISTÓRIA

Lara Rodrigues Pereira*

Resumo: Esta comunicação oral representa recorte de pesquisa que está sendo desenvolvida no Mestrado do Programa de Pós Graduação em História da UDESC sob a orientação da doutora Cristiani Bereta da Silva. A pesquisa visa mapear os usos de narrativas cinematográficas por professores de História da Rede Municipal de Florianópolis em sua prática docente. A principal fonte da pesquisa consistirá em entrevistas orais com professores da rede Municipal de Florianópolis e nesta comunicação apresento embasamento teórico e enfoque dado ao estudo em construção.

Há pouco mais de cem anos o cinema aparece como entretenimento de massas. Foi profissionalizado pela indústria e usado por regimes totalitários como difusor de ideologias. Neste sentido, desde sua criação o cinema vem sendo usado como tradutor de seu tempo e fomentador de discussões sobre ele.

Essa predominância das imagens ocorrida no século XX com a ajuda do cinema também apareceu no Brasil, no meio escolar, através de políticas públicas. Muito mais que mera ilustração, o cinema deve ser usado como forma de problematizar eventos históricos e neste sentido seu uso em sala de aula vem sendo discutido por vários autores.

O filme torna-se matéria de sala de aula, servindo como objeto de estudo e conhecimento. Em hipótese alguma o filme substitui o professor. Sua “leitura” correta está condicionada a um conhecimento prévio, sujeita à orientação do professor. Confrontar veracidade com verossimilhança – real versus aparência do real – é uma das responsabilidades do professor que evitará a

* Graduada em História pela UFSC, atualmente cursa segundo semestre do mestrado em História da UDESC. Contato: lara-rod@bol.com.br

trilha de um caminho equivocado e cuja ausência poderá induzir a erros de abordagem diante do fascínio e da facilidade da história recriada em imagens. (Soares, 2001, p.10)

O livro de Marc Ferro, *Cinema e História*, ajuda a balizar as discussões a respeito do uso do cinema como documento histórico. Através da leitura de Ferro foi possível perceber a maneira como o cinema foi estabelecido aos poucos como documento histórico, reconhecido neste sentido em primeira mão pela Escola dos Annales da qual ele fez parte. “O filme, imagem ou não da realidade, documento ou ficção, intriga autêntica ou pura invenção, é História” (Ferro, 1992), na análise de Ferro o cinema constitui-se em documento, em fonte histórica, mas deve ser analisado levando-se em consideração não só o que a tela reproduz; sua versão acabada e exibida com intenções comerciais. Deve-se enxergar além da reprodução das imagens acabadas e editadas, o contexto em que a obra foi feita, o tempo que pretende mostrar, mas também o tempo no qual se originou. Desta forma Ferro propõe uma análise do conteúdo da obra e de sua história. Este esquema proposto por Ferro ajuda a entender o caráter histórico de muitas obras cinematográficas e poderá ser apropriado pelo professor que tenha a intenção de usar o cinema como ferramenta de ensino de história.

Na bibliografia brasileira existem profissionais envolvidos com o processo educacional que se dedicam a estudar o binômio escola/cinema, sendo que livros como:

Filmes para Ver e Aprender, A História vai ao Cinema, Como Usar o Cinema na Sala de Aula e A Escola vai ao Cinema ajudam a consolidar a articulação entre o uso de filmes e o processo de ensino-aprendizagem.

O filme propicia por si só uma atração especial, é envolvente, mobiliza a atenção concentrada, envolve o espectador, mobiliza aspectos emocionais, explora a percepção, valores, julgamentos, paixão e compaixão, opiniões e até desejos. O filme como ferramenta didática é de uma extraordinária valia para se trabalhar com e em grupos (Castilho, 2003)

A pesquisadora Monica Kornis aponta para a necessidade de um método

na utilização do cinema como objeto de estudo na História. Segundo ela a ausência de método de investigação leva a uma marginalização/secundarização na utilização destes recursos. Para que não haja superficialidade no trato com os documentos audiovisuais ela sugere uma gama de indagações objetivando esclarecer, sobretudo, “que a imagem não ilustra e nem reproduz a realidade, ela a reconstrói, a partir de uma linguagem própria produzida a partir de um contexto histórico”. Suas sugestões sobre como trabalhar com a imagem cinematográfica servem também aos professores de História identificando em cada filme uma narrativa.

A questão central que se coloca para o historiador que quer trabalhar com a imagem cinematográfica diz respeito exatamente a este ponto: o que a imagem reflete? ela é a expressão da realidade ou é uma representação? qual o grau possível de manipulação da imagem? Por ora, essas perguntas já nos são úteis para indicar a particularidade e a complexidade desse objeto, que hoje começam a ser reconhecidas (Kornis, 1992, p.237-250).

O autor Marcos Napolitano, historiador da USP, dedica-se ao estudo do uso do cinema, bem como da televisão em sala de aula. Em seu livro *Como Usar o Cinema na sala de aula* ele enfatiza problemas e possibilidades do uso do cinema como ferramenta do ensino. As possibilidades que Napolitano aponta são muitas, sendo que neste livro ele dedica-se a estudar de que maneira filmes comerciais podem ser apropriados pelo processo de ensino-aprendizagem. Como marcas culturais de sua época, os filmes comerciais, sem qualquer pretensão didática, carregam em si a essência de seu tempo, as características intrínsecas de grupos sociais que protagonizam um período. Em função disso, conseguem trazer em si um arcabouço de experiências e conhecimentos destacados por Napolitano como sendo fundamentais para o entendimento da história.

Trabalhar com o cinema em sala de aula é ajudar a escola a reencontrar a cultura, ao mesmo tempo cotidiana e elevada, pois o cinema é o campo no qual a estética, o lazer, a

ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte. Assim, dos mais comerciais e descomprometidos aos mais sofisticados e “difíceis”, os filmes tem sempre uma possibilidade para o trabalho escolar (Napolitano, 2009).

Os problemas elencados pelo autor apontam para a falta de preparo que os educadores têm ao se depararem com tal ferramenta de ensino. Os cuidados para os quais chama atenção como adequação do filme à faixa etária da turma e ao conteúdo proposto, por vezes não são observados: “o importante é o professor que queira trabalhar sistematicamente com o cinema se perguntar: qual o uso possível desse filme?” (Napolitano, 2009)

As questões concernentes à didática da História serão trabalhadas através dos pesquisadores Klaus Bergmann e Jörn Rüsen, pois seus trabalhos estão em consonância com a utilização de recursos audiovisuais no ensino de História. Suas propostas são bem parecidas no sentido de verificar no audiovisual uma fonte importante de conhecimento histórico auxiliando a formar a consciência histórica dos indivíduos. Há filmes que através de suas narrativas contam eventos e caracterizam épocas de maneira romancizada, neste sentido cabe ao historiador/professor contribuir para que o conhecimento apreendido por seus alunos em sala seja suficientemente forte a ponto de questionar tais versões.

Para Klaus Bergman a didática da História é uma disciplina que pesquisa a elaboração da História e sua recepção, que originaria a formação da consciência Histórica. A investigação desta elaboração e das diversas formas como é feita sua recepção é a principal ocupação da didática da História. Neste sentido o cinema e demais recursos audiovisuais são importantes meios de recepção de conhecimento. Quando são utilizados em sala de aula, problematizados de acordo com outras fontes e discutidos, se transformam em importantes subsídios para a formação da consciência histórica dos alunos.

De acordo com Jörn Rüsen, a didática da História é uma disciplina que media os trânsitos entre História acadêmica, aprendizado histórico e educação escolar. Este intercâmbio de conhecimentos não deve ser desprezado no ensino de História, tampouco a didática da história deve ser vista como conhecimento menor que o acadêmico. Rüsen atenta para a pouca importância relegada à didática da História quando afirma que já foi encarada como ferramenta que transportava o conhecimento histórico das pesquisas acadêmicas preenchendo as

cabeças vazias dos alunos. A partir de seus estudos podem ser percebidas questões centrais para a operação da Didática da História:

- As cabeças dos alunos não são vazias de conhecimento Histórico, pelo contrário, cada indivíduo traz consigo um conhecimento prévio em História, alimentado pelo seu convívio social, por filmes, novelas, quadrinhos, romances etc.;
- O ensino de História em sala de aula tem se transformado em uma atividade mecânica;
- O aprendizado de História configura a habilidade de se orientar na vida e de formar uma identidade histórica coerente e estável;
- A didática da História possui suas próprias concepções teóricas e operações metodológicas

Levando em consideração o legado de Jörn Rüsen, pode-se perceber que ainda há muito a ser feito para que o ensino não seja mecânico, valorizando as concepções metodológicas da didática da História e o conhecimento prévio dos alunos a respeito dos temas estudados.

A escolha por utilizar os autores acima citados como referencial teórico está diretamente ligada ao seu legado a respeito de como identificar no cinema um documento histórico e a partir disso perceber seus usos no ensino de história. Tal escolha tenta reportar-se ao objetivo geral deste projeto de pesquisa que consiste em identificar de que forma o cinema vem sendo apropriado pelos educadores no ensino de história. Através da bibliografia estudada busquei identificar o cinema como documento e como meio de apreensão de conhecimento histórico. Após isso, com a prática da pesquisa, haverá a investigação de como é feita sua aplicação pelos professores que serão entrevistados. Neste ponto da pesquisa entra a coleta e posterior apuração dos depoimentos destes educadores com o intuito de identificar de que maneira relacionam seu trabalho cotidiano com o recurso audiovisual e como foram se adaptando a isso ao longo de sua docência. Essas futuras conversas deverão ser baseadas, sobretudo no respeito a estes profissionais que em muitas situações superam grandes dificuldades estruturais no seu trabalho cotidiano. Porém, a relação harmoniosa que se pretende estabelecer com os entrevistados não impedirá a criteriosa observação de sua prática cujas características serão analisadas bem como sua fala. “A história oral é vista como um método particular, mas não exclusivamente isso, já que também é considerada um meio de estabelecer relações de maior qualidade e profundidade com as pessoas entrevistadas.” (Lozano, 2005)

O historiador Henry Rousso em seu ensaio *A Memória não é mais o que Era*, extraído do livro *Usos e Abusos da História Oral*, destaca que a memória é a presença do passado, porém de um passado não muito distante, “relativamente próximo” ao ponto de habitar a mente de suas testemunhas. Neste sentido Rousso aponta para o fato deste tipo de fonte ter sido apropriada em primeira mão pelos historiadores do tempo presente, pois estas lembranças teriam “ressonância em suas preocupações científicas”.

Para utilizar a memória de um entrevistado como fonte é preciso saber que aquele indivíduo que será entrevistado irá, através de suas lembranças, reconstruir um evento passado e neste processo algumas informações serão suprimidas em detrimento de outras.

A memória, para prolongar esta definição lapidar, é uma reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do processo, um processo que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional. Portanto toda a memória é, por definição “coletiva”. (...) Se o caráter coletivo de toda a memória individual nos parece evidente, o mesmo não se pode dizer da idéia de que existe uma “memória coletiva”, isto é, uma presença e, portanto uma representação do passado que seja compartilhada nos mesmos termos por toda uma coletividade. (Rousso, 2005, p.95)

De acordo com Rousso, a reconstrução da memória está diretamente ligada ao caráter coletivo exprimido pelo indivíduo que a utiliza. Neste sentido, o indivíduo, a partir de sua consciência de grupo, articula seus relatos, ou seja, sendo o entrevistado um professor, este condicionará seu depoimento ao fato de pertencer a esta categoria funcional, uma vez que suas memórias e experiências o reportarão para sua prática de ensino, quando perguntado sobre ela. Mas, o fato de o indivíduo reportar-se a sua categoria funcional para articular a memória, concernente à sua prática, não quer dizer que

todos os indivíduos provenientes de uma mesma categoria exprimirão suas lembranças de forma igual sobre o mesmo evento. E justamente esta variação de perspectivas credencia a oralidade como objeto de estudo da História. As múltiplas interpretações do mesmo fato são reflexos de diferentes reconstruções históricas que se faz do referido fato; sendo assim entrevistar professores contemporâneos, da mesma disciplina, que lecionam na mesma cidade, pode ser algo extremamente rico. As suas abordagens no tocante ao uso do material didático, dos recursos audiovisuais, sua análise sobre o currículo, bem como outras concepções, poderão ser diferentes e nessa diferença reside uma grande possibilidade de estudo para a história do tempo presente.

A análise do que foi feito e do que vem sendo feito no tocante à prática de ensino de história é extremamente salutar para se pensar de que maneira os recursos audiovisuais são incorporados pelos educadores de história no seu cotidiano e a partir desta perspectiva verificar as mudanças concernentes a esta inovação.

São muitas as possíveis abordagens teóricas quando se tem por objetivo estudar a prática do ensino da História, mas de acordo com as fontes selecionadas elegi uma bibliografia que dialogasse efetivamente com elas. Neste sentido a análise do uso do cinema como documento possível no ensino de história, análise de depoimentos de professores e análise da didática do ensino de História contemplam o referencial teórico escolhido para a promoção de futura pesquisa de mestrado. Sabe-se, porém, que durante um processo de pesquisa de dois anos novas bibliografias poderão ser agregadas no sentido de elucidar os caminhos pelos quais o objeto de estudo enveredará.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABUD, Kátia Maria. A construção de uma didática da História: algumas idéias sobre a utilização de filmes no ensino. História – UNESP, São Paulo, v.22 (1), p. 183–193, 2003.

ALBERTI, Verena. Manual de história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

BARCA, Isabel (2006). Literacia e consciência histórica. Curitiba: Educar, pp.93-112.

BENCINI, Roberta. Filme na aula de História: diversão ou hora de aprender? In: Revista Nova Escola, edição 182, maio de 2005. Fundação Vitor Civita, Abril.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica, primeira versão. In: Benjamin, Walter. Obras Escolhidas. Magia e Técnica, Arte e Política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BERGMANN, Klaus. A História na Reflexão Didática. São Paulo. Revista Brasileira de História, v 9, nº 19 ano 89/90.

BERNADET, Jean-Claude. O que é cinema. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BERNADET, Jean-Claude & RAMOS, Alcides Freire. Cinema e história do Brasil. São Paulo: Contexto, 1988.

BITTENCOURT, Circe. Capitalismo e cidadania nas atuais propostas curriculares de história. In: Bittencourt, Circe (org.) O saber histórico na sala de aula. São Paulo: Contexto, 2004.

Bittencourt, Circe Maria F. *Pátria, civilização e trabalho: O ensino de História nas escolas paulistas (1917- 1939)*. São Paulo: Loyola, 1991

CASTILHO, Aurea. Filmes para Ver e Aprender. Rio de Janeiro, Qualitymark, 2003.

CAINELLI, Marlene (2000/2001). A relação entre o conteúdo e metodologia no ensino de História: apontamentos para repensar a formação de professores, bacharéis ou profissionais da História. In: Seaculum – Revista de História, n. 6/7, pp. 71-83.

CERRI, Luis Fernando (2004). Saberes históricos diante da avaliação do ensino: notas sobre os conteúdos de História nas provas do Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM. In: Revista Brasileira de História, v.24, n. 48, pp.213-231.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. História oral – memória, tempo,

identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FERREIRA, Carlos Augusto Lima (1999). Ensino de História e a incorporação das novas tecnologias da informação e comunicação: uma reflexão. In: Rev. Reg. de Hist. v. 4, n. 2, pp. 139-157

FERRO, Marc. Cinema e História. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

HOFLING, Eloísa de Mattos. *O livro didático de estudos sociais*. Campinas: UNICAMP, 1986

KORNIS, Mônica Almeida. História e Cinema: um debate metodológico. In: Estudos Históricos, RJ, vol.5, nº 10, 1992, p. 237-250.

MONTEIRO, Ana Maria F. C.; GASPARELLO, Arlette Medeiros.; MAGALHÃES.; Marcelo de Souza. (Org). Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas. SCHIMIDT, Maria Auxiliadora. In. O ensino de história local e os desafios da formação da consciência histórica. Rio de Janeiro: Mauad X FAPERJ, 2007.

NAPOLITANO, Marcos. Como usar o cinema na sala de aula. São Paulo: Contexto, 2003.

PERRENOUD, P. (1999). Formar professores em contextos sociais em mudança: prática reflexiva e participação crítica. In: Revista Brasileira de Educação, Belo Horizonte, n.12, pp.5-19

PINSKY, Carla Bassanezi. O Historiador e suas Fontes. São Paulo, 2009.

PINSKY, Jaime, org. *O ensino de História e a criação do fato*. São Paulo: Contexto, 1988

RANZI, Serlei Maria Fischer. Fontes orais e o ensino de história. Disponível em:
www.historia.fcs.ucr.ac.cr/congr-ed/ranzi.rtf. Pág. 01 Acesso dia: 22 de Abril de 2011

ROUSSO, Henry. A Memória não é mais o que Era. *In Usos e Abusos da História Oral*. FGV, Rio de Janeiro, 2005.

RÜSEN, Jörn. Teoria da História. Os Fundamentos da Ciência Histórica. Brasília: Ed. UNB, 2001.

SALIBA, Elias Tomé. A produção do conhecimento histórico e suas relações com a narrativa fílmica. Coletânea Lições com Cinema. São Paulo: FDE, 1993

SANTOS, Antonio Cesar de Almeida. Fontes Oraís: Testemunhos, Trajetórias de Vida e História

SCHIMTD, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. Ensinar História. História Local e o ensino da História. São Paulo: Scipione, 2004.

SOARES, Mariza de Carvalho. A História Vai ao Cinema. Rio de Janeiro, Record. 2001.